

cação não é nem pode ser o terreno apropriado para um emprêgo compensador de capitais. A solução dêsse problema deverá continuar afeta a inúmeras e muito justificadas lutas e continuará sempre vinculada a uma série de fatores de ordem socio-econômica de âmbito nacional e que dizem respeito à política dos governos.

Tôdas essas questões e mais a improvização e variedade de formação do professor, o sistema educacional adotado no país, geram uma infinidade de problemas complexos para a educação. O Congresso de Salvador foi levado assim a estudar mais de perto a criação de um Código de Ética Profissional dos Educadores, o que por sua vez sugeriu a criação de uma Ordem dos Educadores do Brasil. Assunto de maior relevância, podemos contar com sua criação para breve. A monografia concernente foi apresentada pelos educacionistas mineiros e não deixa dúvida sobre a orientação christã da educação brasileira. Definindo direitos e deveres, valores éticos e profissionais, estabelece os princípios do ideal ético na „vera et perfecta philosophia“. Recusa „a priori“ tôda e qualquer ideologia materialista em qualquer das suas tonalidades ou matizes, fundamentando o sacerdócio da profissão na lei moral, „isto é, a lei do dever, a consciência em si . . . impondo-se com idêntico rigor em qualquer circunstância a todo querer racional.“ Já no Preâmbulo fôra dito que „toda Ética Profissional é o reflexo de uma „Weltanschauung“ . . . é antes uma profissão da Fé.“ E até o fim não paira dúvida, para o leitor atento, de que a filosofia tomista veio a inspirar, desde já, as bases do futuro código educacional, que será poderoso instrumento para definição de direitos e deveres educacionais.

Não houve problema que fira de longe ou de perto a educação brasileira e que não tenha tido, desta ou daquela fôrma, o seu eco em Salvador. Para lá tudo foi convergindo, de lá tudo foi irradiando. O próximo Congresso, a realizar-se em 1951 em Pôrto Alegre, isto é após as eleições e nos albores de um novo período legislativo, uma vez mais chamará os responsáveis pelo estado atual e também pela orientação futura da educação brasileira.

P. R. Sânger.

A Verdade Filosófica

Contribuição da Filosofia Existencial à formação do novo conceito da Verdade.

A situação espiritual contemporânea é caracterizada por uma atitude de ceticismo, que domina em todos os setores da cultura. O ceticismo sempre tende a relativar a verdade de uma maneira mais ou menos radical. Também na filosofia atual verificamos uma certa modificação do conceito da verdade, sob influência dos mais diversos sistemas filosóficos: O relativismo cultural-histórico de Spengler tem grande repercussão não só nos círculos filosóficos; com sua crítica da cultura exprime êle uma situação vivida por muitos. A subordinação da verdade a valores utilitários e vitais, como é processada em certos desenvolvimentos do pragmatismo e da filosofia da vida, é um sintoma claro. Estas idéias culminam na „filosofia das ficções“ de Vaihinger:

As categorias lógicas e formas do pensamento são ficções; elas apenas são necessárias na medida em que auxiliam o homem a orientar-se praticamente no mundo. — Este relativismo do conhecimento parecia encontrar uma fundamentação físico-científica quando foi estabelecida a teoria da relatividade por Einstein. Esta teoria, assim como foi apresentada pelo princípio geral da relatividade (1916), foi constituída no campo das ciências naturais. No entanto, dela foram deduzidas as consequências mais radicais para o campo das ciências de espírito. Até que ponto estas deduções são legítimas exigiria um trabalho mais especializado. Certamente teve tal repercussão porque corresponde ao ambiente espiritual da época. Além disto temos a preocupação de indicar aqui apenas o processo histórico: como a teoria da relatividade abalou o conceito tradicional da verdade, que consiste numa correspondência entre o conteúdo intelectual e a realidade exterior. Podemos esquematizá-lo assim: Segundo Spengler, o historiador deve colocar-se num ponto neutro, do qual pode observar o desenvolvimento e a decadência das culturas. Para Einstein tal ponto absoluto e neutro não existe no universo. O ponto só pode ser dado em função dum sistema de 4 coordenadas (3 coordenadas do espaço e 1 do tempo). Tempo e espaço não mais podem ser considerados independentemente. Eles são relativizados. As medidas do tempo e do espaço são mudadas sob influência do movimento e da velocidade. (A unidade de comprimento no sistema do nosso mundo, se reduz à metade, vista dum sistema em grande velocidade. O mesmo acontece com a unidade do tempo. Dois sistemas que se movimentam, aproximando ou afastando-se, não possuem a mesma medida de tempo. A simultaneidade não existe nestes sistemas). As medidas do tempo e do espaço dependem da posição e do movimento do observador. Por isto não pode mais haver uma correspondência exata entre o conteúdo de consciência e o objeto exterior, como postulava a teoria de conhecimento. A verdade é relativa à posição do observador. Nesta situação e sob as influências acima apontadas a verdade toma um outro sentido; vai-se formar, principalmente dentro do movimento da filosofia existencial, um novo conceito da verdade. Procuramos aqui mostrar a sua evolução sistemática.

1. A definição tradicional da verdade, como sendo: „a conformidade do entendimento com o objeto“, é explicitada pelo próprio Tomás de Aquino: é um juízo no qual „o entendimento diz do objeto real que é, e do não real que não é“ (1). Na verdade o juízo do nosso entendimento reúne dois sistemas de relação. Por um lado a cópula „é“, implicitamente contida em todo o juízo, determina a identidade de dois ou mais conceitos, unicamente no plano de ser; por exemplo, os conceitos „mesa“ e „quadrada“ são reunidos na sentença „a mesa é quadrada“. O sujeito é acrescido de uma determinação, sem que com isto já seja julgado sobre a sua existência real. — Por outro lado contém a afirmação da correspondência real desta identidade com o objeto exterior. A afirmação da conformidade é indicada pelo „dicit esse, quod est“. A cópula „é“ estabelece a existência real do objeto. — Explica-se a „adaequatio“ ou conformidade pela teoria da intencio-

nalidade, segundo a qual o objeto é o mesmo quando existe na realidade exterior e quando existe em nosso entendimento. Apenas o modo de existir é diferente nos dois casos: No nosso entendimento o objeto possui existência intencional, enquanto no exterior existe de maneira real. É aqui afirmada a identidade intencional do objeto com o conceito formado, uma identidade entre o objeto e o sujeito conhecedor. Esta união de sujeito e objeto é de tal força, é uma experiência de tanta existencialidade que o problema colocado por Kant, realmente prova ser o mais crucial da teoria do conhecimento: Como saber, se o objeto possui realidade fora de nós? —

O conceito da verdade como „conformidade“ formou-se com Platão e dominou na filosofia durante longos séculos até que Nietzsche o superou, tirando-lhe as suas consequências últimas (2). Nesta concepção o centro de gravidade no ato do conhecimento recai no sujeito. A verdade é atribuída ao conhecimento, resultante dum ato do sujeito. Isto no seguinte sentido: a verdade é a realização correta do processo conhecedor. O funcionamento correto do intelecto garante a verdade. A verdade ou erro existe portanto, apenas no intelecto humano, que no juízo afirma ou nega a conformidade. — Esta afirmação ou negação se exprime no „assentimento“ ao juízo, que é o último passo no processo conhecedor. Só com o assentimento é perfeita a verdade. O assentimento baseia-se na certeza. Analisemos em seguida o problema do assentimento e da certeza, um tema crucial do pensamento humano. Pois a certeza se relaciona com a „dúvida“: ela supera a dúvida, que tão desesperadora obsessão pode tornar-se para o homem.

2. a) „A certeza é o assentimento firme, fundado na evidência“. No entanto o próprio De Vries acentua que além da evidência do objeto também há um elemento subjetivo na certeza. „A firmeza (do assentimento) não deve ser entendida como um especial grau de intensidade do ato. Antes consiste essencialmente na exclusão de toda dúvida, e depende portanto amiúde da vontade.“ (op. cit. 50). Quando focalizarmos a verdade expressa no campo da filosofia, verificaremos que cabe ao elemento subjetivo da certeza uma importância excepcional. Verificamos de fato que a verdade da filosofia exige de nós uma modificação da nossa atitude. Para aprender um simples conceito filosófico, devemos ter uma disposição para ele, devemos estar abertos para a idéia filosófica. Não a aprendemos como uma figura matemática, mas ela deve provocar em nós uma ressonância de todo o nosso ser. Na apreensão da verdade filosófica modifica-se a maneira de pensar e o ângulo de visão das coisas e do mundo, que se elevam sobre o plano diário e vulgar. E parece-me desnecessário trazer aqui o depoimento de filósofos que postularam uma verdadeira ascese do pensador. Na filosofia se processa uma modificação da atitude ética do sujeito. — Tudo isto não é necessário numa demonstração matemática, por exemplo. Ela apenas supõe certos conhecimentos anteriores, sem contudo atingir o cerne da nossa existência, como acontece na verdade filosófica.

Sob um 2.º aspéto podemos focalizar a diferença entre a verdade matemática e filosófica, ao analisarmos a certeza que temos em ambos os casos (3). Constatamos que tanto na demonstração matemática como no raciocínio filosófico, possuímos uma certeza racional (metafísica). Porém nos dois casos há uma diferença essencial: Na demonstração matemática o intelecto verifica se ela é exata e corresponde à realidade; depois desta verificação a questão está resolvida e terminada. Na verdade filosófica, ao contrário, permanece um estado de insegurança humana, uma certa intranquilidade, que não permite considerar-la questão fechada, mas que nos faz continuar vivendo e debatendo o problema. Este fato determinou a distinção entre certeza racional matemática e certeza racional filosófica como é apresentada por P. Wust (Pg. 23):

Certitudo rationalis mathematica sine insecurityte humana.
Certitudo rationalis philosophica cum insecurityte humana.

A „insecuritas humana“ é uma qualidade de toda a filosofia. Ela se estende por princípio a todas as verdades filosóficas. Os próprios primeiros princípios não se excluem. Se procurarmos o motivo desta situação então o encontraremos na relação essencial que a filosofia mantém com o homem e que vamos desenvolver na última parte deste estudo.

Por enquanto constatamos que nos parece haver uma diferença qualitativa (e não apenas diferença quantitativa do assentimento) entre a verdade filosófica e matemática. Nas ciências matemáticas então não poderíamos mais falar em verdade, mas em „exatidão“ (Richtigkeit: Jaspers) das demonstrações. Na filosofia teríamos a verdade propriamente dita, que não pode ser caracterizada como pura racionalidade!

Mas como caracterizar esta verdade filosófica?

b) O assentimento dado nestas condições de certeza significa que o homem corre um risco (Wagnis).

A filosofia é uma aventura. O homem arrisca a sua própria existência. Pois a verdade filosófica está tão enraizada no ser do homem, que com um assentimento existencialmente falso, o homem perderia de seu próprio ser. Este fato e o caráter peculiar da certeza racional filosófica explicam porque o assentimento não é dado automaticamente, mas sempre exige um ato próprio da nossa vontade. É exigida a nossa decisão (Entscheidung) para a verdade. Só correndo o risco duma decisão pessoal, mas absoluta, tenta o homem superar a insegurança da verdade filosófica. Nesta decisão o homem lança-se com todo o seu ser à verdade.

Como já foi indicado a decisão é um ato voluntário. A vontade porém, não é o seu último fundamento. A decisão se baseia sobre uma vivência existencial que se processa na camada mais profunda do ser humano. Não implica isto, um cego irracionalismo e voluntarismo. Pois esta camada existencial é anterior à distinção entre racional e irracional. É dela que vão originar-se tanto a vontade como também a razão. É por isto que podemos posteriormente analisar e

controlar estas vivências num plano racional. A razão só será legítima quando basear-se sobre estas experiências e assim não desprender-se de seu fundamento. Tais experiências se dão no plano da „existência“, no núcleo mais íntimo do nosso ser, que está além de todas as determinações de conteúdo. É a „existência“ que fundamenta — a unidade total do homem. Ela é o princípio, que vai sintetizar as diferentes partes do homem numa totalidade. (Concebe-se o homem muitas vezes como simples soma destas partes). Ela determina a identidade real do homem no tempo e espaço.

Nestas experiências se dá uma identificação da existência com a verdade. A existência abre-se para a verdade. Nisto há um enriquecimento do ser do homem; a existência adquire um conteúdo. — É este o sentido da afirmação que nas verdades filosóficas se exprime uma verdadeira confissão de fé (Bekennntnis) do filósofo. Não significa isto uma fixação em determinados conteúdos. Mas indica o abrir-se da existência; significa o testemunho de uma atitude filosófica, de toda uma existência humana.

3. As considerações precedentes visam mostrar qual a importância e influência do homem concreto na filosofia, qual o sentido do humano na filosofia. Esta problemática foi estudada e desenvolvida modernamente pela filosofia existencial. E parece-nos que com estas idéias o movimento existencial tem dado a sua colaboração mais valiosa à filosofia contemporânea. Analisemos as teses de seus principais representantes.

Já Sören Kierkegaard tinha colocado o problema da relação entre a subjetividade ideal e a objetividade do conhecimento científico da filosofia. É claro que ao postular a subjetividade ideal não se pretende expulsar o rigor científico da filosofia.

Karl Jaspers nas suas preleções de Julho de 1947 em Basileia — que tomaram o nome „A Fé Filosófica (4) — distingue duas espécies de verdade. „Verdade, cuja (correspondência) exatidão (Richtigkeit) pode ser provada, persiste sem mim; ela é de validade geral, a — histórica e intemporal, porém não absoluta, pois é referida a supostos e métodos de conhecimento e aplicada ao contexto de objetos finitos“ (4) „Verdade, da qual eu vivo, só existe porque eu me torno idêntico com ela; no seu aspeto ela é histórica, na sua expressão objetiva não possui validade geral, porém, ela é absoluta“. A característica da fé é possuir a certeza duma verdade deste 2.º tipo. A fé filosófica, portanto, é histórica, isto é, ela só é verdadeira na medida em que se torna histórica na nossa própria existência“. Porém na existência ela não deve fixar-se como um sistema rígido e objetivo. Não deve tornar-se só objeto. Pois a fé filosófica tem a sua origem nesta camada do ser, que abrange sujeito e objeto, e que é anterior a própria distinção de sujeito e objeto. A fé sempre é composta de dois elementos: Fides qua creditur (subjetivo) e fides quae creditur (objetivo). Ela deve sempre estar radicalmente aberta, para poder enraizar-se mais nesta sua origem. — Resumindo as considerações de Jaspers, podemos apontar que elas têm o sentido de mostrar ao homem que na procura da verdade todo o seu ser está

em jôgo, e que êle com tôda a sua existência deve lançar-se à conquista da verdade. Há aqui uma proximidade muito íntima entre o plano da ética e do conhecimento. Pois a „verdade“ se realiza na „existência verdadeira“, que é a existência „autêntica“ (5).

A verdade reside na atitude do homem, na expressão de seu ser através do agir. Por esta não ser determinada por normas ou imperativos objetivos, mas nascer de modo absoluto de si mesmo, explica-se que também a verdade é absoluta, porém sempre só para o homem mesmo. Reside nisto a modificação principal do conceito da verdade. Não é mais a relação cognoscitiva, mas a relação ético-ativa entre o homem e o mundo que interessa.

Esta mudança se torna mais evidente na filosofia de M. Heidegger. Ao interpretar a parábola da caverna de Platão, H. mostra como o homem, para chegar a contemplação do ser — bem supremo, — deve ser libertado dos laços que o retêm na caverna. Só após ter adquirido a liberdade, isto é, após ter deixado a caverna o ser das cousas lhe aparece. A verdade é a decisão. Decisão para o nada, em Heidegger. Pois só através do nada, que é o véu do ser, o homem descobre o ser.

Podemos aqui mostrar o 2.º característico da verdade, considerada como decisão: a liberdade. „Só a decisão salva a liberdade do ser humano Pois a liberdade da decisão está além da causalidade mecânica (do positivismo) como também do finalismo idealista“ (6) É neste sentido que se deve compreender as afirmações de H. quando êle fala da liberdade como fundamento da compreensão do ser.

4. Como resultado destas considerações, deve ser esquematizado o caráter especial da filosofia como ciência. Para isto devemos partir duma pergunta anteriormente feita e que ficou sem resposta: Onde vem a insegurança essencial que temos na certeza filosófica? Parece que temos uma projeção da própria situação de insegurança metafísica do homem sôbre a filosofia. O homem que sabe-se limitado e lançado ao mundo, pergunta por seu ser e pelo sentido de seu ser. Pois o homem é aquele ente, segundo Heidegger, que como existência, tem a possibilidade de perguntar e compreender o ser. Desta preocupação metafísica primitiva e original nasce a filosofia. Pois a pergunta pelo ser será sempre também a pergunta pelo ser do homem. Podíamos exprimir a definição de filosofia de Heidegger assim: A filosofia tem o ponto de partida e o fim no homem. Mostra isto que, a filosofia não pode abstrair do homem. Da estrutura humana ela recebe o seu caráter de insegurança, e dinamicidade extrema. Pois o homem pode perder-se e achar-se a si mesmo na filosofia. Conduzindo o homem a si mesmo e a sua situação verdadeira, a filosofia alcançou o seu fim. É nisto que reside a „função existencial“ da filosofia.

ANOTAÇÕES

- (1) — Cf. José de Vries: „Pensar Y Ser“ — Ed. Razon Y Fe — Madrid 1945.

- (2) — Como mostra Heidegger em sua recente publicação: „Platons Lehre von der Wahrheit“ — Berna 1947.
- (3) — Esta problemática é discutida por P. Wust no seu livro: „Der Mensch und die Philosophie“ — Regensburg — Münster 1947.
- (4) — K. Jaspers: „Der Philosophische Glaube“. Pág. 11.
- (5) — Já temos mostrado esta proximidade entre o plano ético e ontológico num estudo: „O Ethos da Autenticidade na Filosofia Existencial“, apresentado nas Jornadas de Filosofia — Pôrto Alegre 1949.
- (6) — Segundo Dr. E. Fülling: „Wahrheit als Entscheidung“ — Verdade como decisão — São Leopoldo 1949.

Bacharel de Filosofia G. Fleischhut.

Die neuere Physik und die evangelische Theologie.

Der nachfolgende Beitrag wurde uns über P. Knäpper vom Verfasser zur Verfügung gestellt. Wir sagen Herrn D. Asmussen unsern besten Dank.

In den letzten zwanzig Jahren hat sich die Physik geweitet. Vergleicht man jedes Wissenschaftsgebiet mit einem Staate, so muß man sagen, daß dieser „Staat“ nach allen Richtungen hin über seine Grenzen hinausgewachsen ist. Deshalb ist eine Geophysik, eine Astrophysik, eine Biophysik und eine physikalische Chemie entstanden. Aber damit nicht genug. Mehr als einer der modernen Physiker schreibt über seine neuen Erkenntnisse so, daß er Seitenblicke tut auf die Philosophie und auf die „Religion“, wie es vorläufig noch heißt. Denn die Beziehung zum spezifisch Christlichen scheint noch nicht sichtbar geworden zu sein, was hier ohne die Spur eines Vorwurfs ausgesprochen wird.

Vergegenwärtigt man sich nun, wie es in der Theologie aussieht, so wird man erstaunt darin eine gewisse Ähnlichkeit feststellen, daß auch der Staat Theologie seine Grenzen nicht mehr achtet. Schon vor 1933 gab es eine „politische Theologie“. Und als 1945 der Zusammenbruch kam, fanden sich im Rahmen der evangelischen Akademien Gruppen aus allen Berufen, um miteinander unter dem Worte nach der rechten Ausrichtung ihrer Berufe zu fragen. Mediziner und Juristen, Künstler und Bauern, auch andere Berufsgruppen kamen zusammen. Kürzlich tagten im Rheinland Vertreter des Bergbaus, um in ähnlicher Weise die Frage aufzuwerfen und zu beantworten, was die Forderung Gottes für den Bergbau bedeute. Mögen alle diese Tagungen auch von vorne herein eine praktische Abzweckung haben, — sie gehören doch in den Raum der Theologie irgendwie hinein. Denn in Beziehung auf das Wort Gottes sprechen, das heißt immer theologisch sprechen. Die wissenschaftliche Fachsprache ist nur für Aufgeblasene und Unwissende ein unerläßliches Kennzeichen der Theologie.

Man sieht, daß die Ausweitung des theologischen Denkens sehr viel weiter geht als die der Physik. Aber dennoch bleibt beiden diese Ähnlichkeit, daß sie über sich selbst hinauswachsen. Es mag ja diese Ähnlichkeit rein formaler Art sein, — wenn das auch unwahrscheinlich